

**COMÉRCIO EXTERIOR DA AMAZÔNIA****EDITORIAL**

O comércio exterior da Amazônia sempre foi marcado pela exportação de produtos de origem basicamente primária, de baixo ou quase nenhum valor agregado. Tendo em mente tal condição e as possíveis consequências decorrentes dela, buscou-se identificar, neste trabalho, os principais produtos da pauta de exportação amazônica na última década, seja pela representatividade ou por suas taxas de crescimento, a fim de detectar a continuidade ou não dessa situação. Essa identificação se apresenta como de fundamental relevância na medida em que permite às instituições competentes o planejamento do desenvolvimento regional. Os resultados apontaram uma forte concentração da pauta de exportações em produtos como minérios, grãos de soja e alumina calcinada, além da centralização desses produtos em poucos estados. Pelo lado das importações, foi verificado que estas são essencialmente ligadas ao processo produtivo local, seja para o suprimento de bens de capital, intermediários ou de insumos, explicitando uma fragilidade da economia regional. Ante o observado considerou-se relevante a adoção de políticas fiscais e creditícias que estimulassem a produção de bens com maior valor agregado, bem como, políticas que buscassem um maior grau de nacionalização dos componentes empregados na produção advinda da Zona Franca de Manaus. A partir do panorama criado, buscou-se explicitar a relevância e responsabilidade do Banco da Amazônia enquanto agente capaz de oferecer mecanismos de crédito que apoiem setores essenciais à Amazônia e, deste modo, induzir o desenvolvimento regional. Boa leitura!

**1 BREVE HISTÓRICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA AMAZÔNIA**

O comércio exterior da Amazônia sempre foi marcado pela exportação de produtos de origem basicamente primária de baixo valor agregado. Cacau, borracha, bauxita, castanha-do-brasil, minério, soja, madeira, carne, pescado, representaram e/ou representam os principais produtos da pauta de exportação da Região.

No início de sua colonização os principais produtos de exploração portuguesa eram as chamadas "drogas do sertão", produtos nativos do Brasil, como cravo, canela, guaraná e urucum, os quais não existiam na Europa, e que, portanto, possuíam elevado valor de mercado. Assim, atraíram o interesse dos europeus, os quais as consideravam como novas especiarias.

Posteriormente, com o advento da revolução industrial, um novo produto de exportação amazônica ganhou destaque. O látex, produto utilizado na produção da borracha, passou a valer como ouro, e proporcionou um novo momento de desenvolvimento na região, com o enriquecimento de cidades como Belém, Manaus e Porto Velho, tanto em âmbito econômico, como cultural. A exportação de látex foi de tal importância para o país, que chegou a ser o segundo produto da pauta de exportações brasileiras, perdendo apenas para o café.

No final do século XIX, quando se intensificou a exploração da borracha, valorizada pela nascente indústria automobilística nos Estados Unidos foi intensificada a incorporação da Amazônia como parte desse crescente mercado internacional. Infelizmente, com o desenvolvimento da produção do látex na Ásia, com maior eficiência e produtividade, a região perdeu o monopólio sobre o produto e entrou num período de estagnação econômica.

Em um terceiro momento das exportações amazônicas, novos produtos ganharam importância. O período do chamado "milagre econômico" foi uma época de implantação de grandes projetos mineradores, madeireiros, agropecuários, de infraestrutura, além de, nele, ter sido criada a Zona Franca de Manaus. A incorporação desses projetos possibilitou maior diversificação da pauta de exportações da região. Contudo, a despeito do surgimento de novos produtos a pauta de exportações da Amazônia continuou bastante concentrada em produtos primários.

## 2 CONJUNTURA DO COMÉRCIO EXTERIOR DA AMAZÔNIA

Nos últimos anos a Amazônia tem aumentado, continuamente, sua participação na balança comercial brasileira<sup>1</sup>. Em 2010, a região liderou o crescimento das exportações no País, levando a que 44% do saldo da balança

comercial tivesse como origem a região. Para se ter uma ideia, suas exportações cresceram mais de cinco vezes em apenas 10 anos, nos quais elevou sua participação de 9,3% para 13,1% do total nacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Balança Comercial da Amazônia Legal e do Brasil, 2000 a 2010 (US\$ milhões)

Ano	Amazônia			Brasil			Participação Exportações (%)
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo	
2000	5.114	4.857	257	55.119	55.851	- 732	9,3
2001	5.182	4.629	554	58.287	55.602	2.685	8,9
2002	5.896	4.532	1.365	60.439	47.243	13.196	9,8
2003	7.077	4.722	2.355	73.203	48.326	24.878	9,7
2004	9.610	5.832	3.778	96.678	62.836	33.842	9,9
2005	13.071	7.245	5.826	118.529	73.600	44.929	11,0
2006	14.964	9.129	5.836	137.807	91.351	46.457	10,9
2007	17.117	10.782	6.335	160.649	120.617	40.032	10,7
2008	23.709	16.760	6.949	197.942	172.985	24.958	12,0
2009	19.772	10.865	8.907	152.995	127.722	25.272	12,9
2010	26.483	17.544	8.939	201.915	181.671	20.245	13,1

Fonte: Brasil. MDIC, 2011.

Cada estado contribui, obviamente, em proporção diferente para a constituição do total exportado pela região. Como pode ser visto pelo Gráfico 1, quase metade das exportações amazônicas originam-se do estado do Pará (48,47%), especialmente, oriundas da extração de minérios, como veremos mais à frente. Outra parte,

também bastante significativa, advém do estado do Mato Grosso, com 31,91% do total exportado, seguido pelo Maranhão, com 11,03%. Não por acaso, será constatado que os 3 principais produtos de exportação da região, em termos de volume comercializado, são produzidos justamente nestes estados<sup>2</sup>.

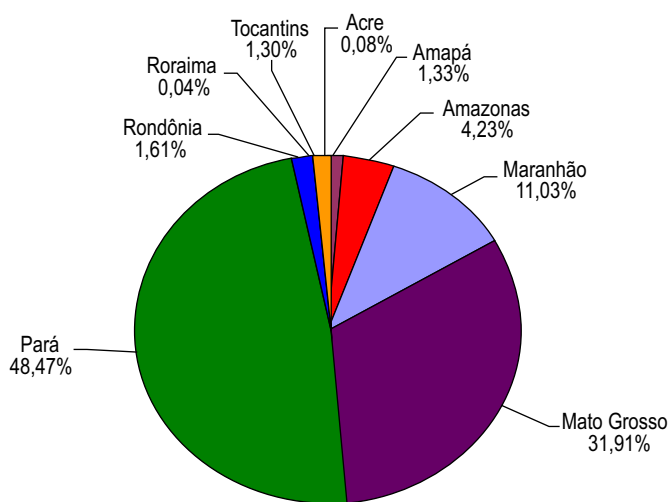


Gráfico 1 – Participação dos estados da Amazônia Legal nas exportações da Região, 2010

Fonte: Brasil. MDIC, 2011.

O estado que mais aumentou suas exportações entre 2000 e 2010 foi o Tocantins, com taxa média de crescimento de 53,91% ao ano<sup>3</sup>, seguido pelo Amapá, com 32,24%, e Rondônia, com 28,65%. Em termos absolutos, como se podia esperar, dado o peso de sua participação no total exportado, o Pará apresentou o maior crescimento, com aumento de US\$ 10,4 bilhões, ante elevação de US\$ 11 bilhões do restante dos estados.

Por outro lado, o estado que apresentou o desempenho menos expressivo foi o Amazonas, com crescimento médio de 2,28% ao ano, sendo o único a permanecer na casa de um dígito. Deste modo, apesar do aumento do valor exportado, este estado tem reduzido sua participação nas exportações da região (de 15% em 2000, para 4% em 2010), especialmente, em função do aumento da participação do Mato Grosso (31,91%), cujas exportações de soja aumentaram sobremaneira. As exportações da Amazônia, como um todo, cresceram à taxa média de 19,9% a.a.

Pelo lado das importações o Tocantins, também, foi o estado que obteve a maior taxa anual de crescimento médio, com 43,65% a.a. Neste período o Acre foi o único que apresentou taxas de crescimento negativas (-8,31% a.a.), embora deva ser lembrada sua ínfima participação nas importações totais da região, a

qual é menor que 1%. Como será visto mais à frente, as importações encontram-se concentradas em alguns produtos e estados, especialmente nas importações de máquinas, aparelhos e suas partes, pelo estado do Amazonas, que representaram em 2010, 63% de tudo que foi importado pela região.

### 3 A COMPOSIÇÃO ATUAL DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DA AMAZÔNIA

Os principais produtos de exportação da Amazônia são minérios<sup>4</sup>, grãos de soja e alumina calcinada, que juntos representam 59,46% do total exportado pela região. O Gráfico 2, apresenta o bom desempenho desses produtos nos últimos anos.

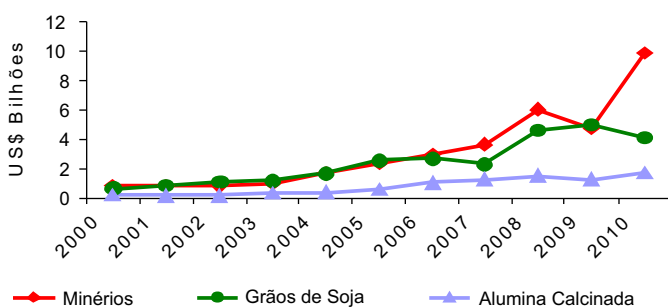


Gráfico 2 – Desempenho das exportações de minérios, soja e alumina calcinada, 2000-2010

Fonte: Brasil. MDIC, 2011.

Em 2010, as exportações de minérios chegaram ao montante de US\$ 9,9 bilhões, representando 37,28% das exportações totais da região. Esse valor reflete uma série de aumentos no montante exportado desse produto nos últimos anos, especialmente, a partir de 2004 quando há uma aceleração das exportações minerais da Amazônia. A taxa de crescimento médio para esse período foi de expressivos 30,2% a.a.

Numa análise detalhada pode-se ver que tal aumento não é totalmente explicado pela elevação da quantidade exportada, já que esta apresentou crescimento de, apenas, 6,18% a.a. Seguramente, o aumento nos preços dessas commodities, puxados pela grande demanda chinesa, foi o principal responsável pela melhora em questão. Para se ter uma ideia, a cotação média, que no início da década era de US\$ 17 a tonelada, saltou para US\$ 91.

A produção de minérios amazônica é concentrada nos estados do Pará, Maranhão e Amapá, apesar de aparecerem, timidamente, em Rondônia e Mato Grosso. Contudo o grande produtor de minérios da região é o Pará. Em 2010, este estado exportou US\$ 8,1 bilhões do produto, o que representou em termos relativos, 82% de toda exportação desse produto pela Amazônia.

No que se refere ao destino desses produtos, são os principais, China e Japão. O consumo chinês de minérios

apresentou nos últimos anos crescimento bastante expressivo. Em 1996, ele representava, apenas, 1,58% das exportações de minério do Pará, em 2001 já significava 9,18%, e hoje participa com 45,53%. Em termos absolutos foram US\$ 4,2 bilhões em minérios, exportados para China, em 2010.

Do mesmo modo, as exportações de grão de soja, segundo produto de exportação da Amazônia, também são concentradas em um estado, neste caso, o Mato Grosso. Dos US\$ 4,1 bilhões em soja exportados pela região, em 2010, mais de US\$ 3 bilhões tiveram como origem este estado. Este montante, por si bastante significativo, toma ainda mais importância quando se considera a relevância deste produto para a balança comercial da região (15,71%). Além disso, se somarmos a essa produção, o comércio de bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja, este valor sobe para US\$ 5,7 bilhões, o que representa 21,58% de tudo que a Amazônia exporta.

Nos últimos anos, ocorreram mudanças nos destinos da soja mato-grossense. Em 1997 mais da metade dessa exportação destinava-se à Holanda. Hoje, o principal destino da soja mato-grossense é a China (US\$ 2 bilhões), com 61,6% deste montante. Outros importantes compradores são: Espanha (US\$ 236 milhões), Holanda (US\$ 224 milhões) e Reino Unido (US\$ 136 milhões).

Por fim, o terceiro produto de exportação amazônica, a alumina calcinada, produto este empregado por diversas indústrias, como de refratários, fibra cerâmica, videira, esmaltes, entre outras, tem exportação restrita aos estados do Pará (75%) e Maranhão (25%). Suas vendas ao exterior atingiram, em 2010, o montante de US\$ 1,7 bilhão, o que representou 6,47% das exportações amazônicas. Os principais compradores em 2010 foram Canadá, Noruega, Islândia e Egito.

As exportações deste produto têm aumentado sobremaneira. Entre 2004 e 2010, esta elevação foi da ordem de 25,9% a.a. Entretanto, diferentemente do crescimento das exportações de minérios, explicadas principalmente pelo efeito dos preços, a alumina calcinada tem demonstrado uma tendência de aumento de sua quantidade exportada. Nos últimos anos isso ocorreu a uma taxa de 21,6% a.a. Por outro lado, os preços expandiram, apenas, 6,4% a.a.

Assim como minérios, grãos de soja e alumina calcinada merecem destaque pelo volume de suas exportações, outros produtos devem ser citados pelo expressivo crescimento apresentado em sua comercialização nos últimos dez anos. O Gráfico 3, apresenta o desempenho de alguns desses produtos.

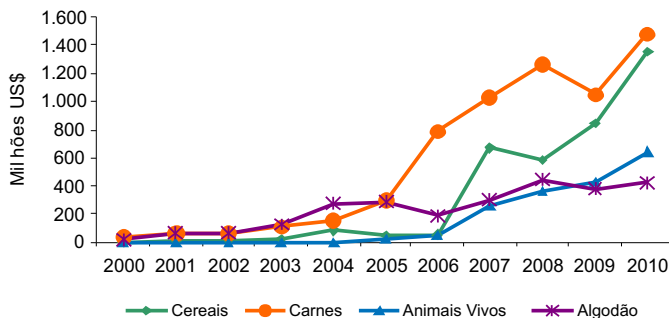


Gráfico 3 - Evolução das exportações de cereais, carnes, animais vivos e algodão.

Fonte: Brasil. MDIC, 2011.

As exportações de cereais, por exemplo, tiveram incremento fantástico. Em 2000, estas perfaziam o montante de pouco mais de US\$ 265 mil. Já em 2010, esse valor era mais de 5.000 vezes maior, atingindo a marca de US\$ 1,35 bilhão. Neste mesmo ano, os cereais foram o 5º produto de exportação amazônico, sendo 99% do valor exportado referente ao estado do Mato Grosso. Em relação à produção nacional, representaram 52%.

O cereal amazônico exportado é, em quase sua totalidade, o milho, e essencialmente, na forma de grãos. Em Mato Grosso, entre 2006 e 2010, as exportações deste produto aumentaram cerca de 15 vezes.

Em 2010, os principais mercados para o milho amazônico foram: Irã (US\$ 203 milhões), Malásia (US\$ 152 milhões), Taiwan (US\$ 144 milhões) e Arábia Saudita (US\$ 141 milhões), muito embora, cabe aqui salientar que a maior parte da produção de milho nacional é consumida internamente, em face da sua forte indústria de carnes.

Outro produto que merece destaque, em virtude de sua participação no montante exportado, é a carne (e miudezas). O produto, que hoje representa 5,59% da pauta de exportações amazônica, apresentou crescimento de mais de 37 vezes no período analisado. Suas exportações saltaram de US\$ 39 milhões, em 2000, para US\$ 1,48 bilhão, em 2010.

O Mato Grosso é o maior exportador de carnes da região e 5º maior do País, segundo dados de 2010, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O valor exportado pelo estado, naquele ano, foi superior US\$ 1 bilhão. O segundo exportador da região, Rondônia, surge com montante bastante inferior, sendo este de, aproximadamente, US\$ 200 milhões.

A Rússia é o maior importador de carnes brasileiras

(US\$ 1,9 bilhões) e desponta, também, como o principal destino da carne mato-grossense. Em 2010, foram 63,6 mil toneladas exportadas, o que gerou uma receita de US\$ 220 milhões. O Irã, segundo maior importador, adquiriu, em 2010, 43,2 mil toneladas de carnes oriundas do Mato Grosso, aumentando suas compras em 48 vezes, de 2002 a 2010. Isso permitiu que essa receita, para este último ano, chegasse a US\$ 184 milhões. Outros importantes compradores deste produto são: Venezuela (US\$ 173 milhões), Hong Kong (US\$ 94 milhões), Egito (US\$ 93 milhões) e Arábia Saudita (US\$ 51 milhões).

Os países da União Européia, se considerados em conjunto, formam um importante mercado consumidor, com US\$ 67 milhões em carne importada, em 2010, o que correspondeu a 10 mil toneladas. Esses valores a colocariam como 6º maior consumidor do produto advindo da região.

Não bastasse, sua representatividade, o mercado europeu merece destaque, também, em virtude dos altos preços de comercialização da carne. No último ano, enquanto o preço médio da tonelada de carne vendida à Rússia foi de US\$ 3.464, este valor foi de US\$ 6.613 nas vendas à União Européia. No Irã, este preço chegou a US\$ 4.272.

Dentre os destaques, decorrentes do aumento de suas exportações, seguramente, o produto "animais vivos" foi o que mais chamou a atenção. Este se refere à comercialização de cavalos reprodutores, patos, gansos, galinhas d'angola, e, no caso amazônico, principalmente, bovinos. As vendas desses animais ao exterior na década de 90 eram quase que inexistentes. Ocorreram, apenas, em alguns anos, e, em frações pífias. A partir de 2003, no entanto, com o início das vendas ao Líbano, e de 2006, à Venezuela, este comércio cresceu expressivamente. De 2001 a 2010, por exemplo, as exportações desse produto cresceram à taxa média de 296% ao ano. Em 2002, estas perfaziam o montante de US\$ 9 mil. Em 2003, alcançaram o montante de US\$ 729 mil, e, já em 2004 eram da ordem de US\$ 3,9 milhões. No último ano, esse valor chegou a US\$ 641 milhões, sendo, em quase sua totalidade, referentes a bovinos. Com esta marca assumiu o posto de 7º produto da pauta de exportação amazônica, ficando à frente de produtos tradicionalmente importantes para economia da região, como a madeira e o carvão, o ferro fundido, as máquinas e aparelhos, por exemplo.

A exportação de animais vivos, também, é bastante concentrada em um único estado. Ao Pará são atribuídas 99% das exportações deste produto pela região. De mesmo modo, o destino desse produto é significativamente reduzido, limitando-se ao consumo venezuelano (97%) e libanês (3%). Contudo, a questão

fundamental envolvendo estas exportações passa pela baixa incorporação de valor a esse produto, o qual poderia ser beneficiado dentro do país sem a necessidade de grandes investimentos ou tecnologias, refletindo em maiores benefícios à região (emprego, renda, etc).

A madeira (também considerados carvão vegetal e obras de madeira), produto de exportação tradicional da região, nos últimos 10 anos aumentou seu comércio em 30% (valor exportado). O volume comercializado, em 2010, alcançou US\$ 639 milhões, configurando-se como 8º produto

da pauta de exportações da Amazônia. Esse aumento no valor exportado, no entanto, deve ser visto com cuidado, já que, desde 2004, a quantidade exportada tem apresentado quedas sucessivas (apenas em 2010 houve ligeira alta), sendo os bons resultados sustentados pelo consistente aumento de preços. De 2004 a 2008, por exemplo, essa alta foi de 97%. Após 2008, houve ligeira queda dos preços médios. Os principais estados exportadores desse produto são Pará e Mato Grosso, com 60% e 20% do total amazônico, respectivamente.

## 4 A COMPOSIÇÃO ATUAL DA PAUTA DE IMPORTAÇÕES DA AMAZÔNIA

Em março de 2011, foi noticiado nos diversos meios de imprensa nacionais, que a composição social brasileira, em termos da renda auferida, sofreu importantes mudanças nos últimos anos, em especial no condizente a ascensão de milhões de pessoas das classes D e E à classe C. Em termos econômicos isso quer dizer que passou a sobrar mais dinheiro no “caixa das famílias”, as quais estão gastando mais com supermercado, aluguel, educação, e diversos outros produtos e serviços, dos quais não imaginavam usufruir há poucos anos atrás.

Quando há um aumento da renda e consumo, como no caso brasileiro referido, é natural que haja um “vazamento” dessa renda para o exterior na forma de importação, e isso tem sido verificado. Nos últimos 10 anos, por exemplo, as importações brasileiras cresceram em média 14,9% ao ano, saltando de um montante de aproximadamente US\$ 56 bilhões, para US\$ 182 bilhões.

A primeira vista, o caso amazônico parece ser semelhante ao brasileiro, já que a região também compartilhou das melhoras na renda ocorridas no país. Contudo, basta um breve olhar sobre os produtos que compõem a pauta de importação da região para notar que estes compreendem, substancialmente, bens empregados no processo produtivo regional e não bens de consumo final. Como veremos, 48% dos produtos importados pela Amazônia são máquinas e aparelhos, material elétrico e suas partes. Deste modo, os aumentos nas importações dos últimos anos (Tabela 1), certamente se explicam mais pela elevação do nível produtivo da região, do que pelo aumento da aquisição de bens voltados ao consumo final.

A Tabela 2 apresenta os 10 principais produtos de importação da Amazônia, em ordem decrescente, quanto ao montante adquirido:

Tabela 2 – Principais produtos importados pela Amazônia, 2010

Produto	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)
Máquinas e aparelhos, material elétrico, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som e imagens, e suas partes e acessórios.	8.426,32	48,03
Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos de sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais.	3.778,32	21,54
Azubos ou fertilizantes.	969,87	5,53
Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios.	589,02	3,36
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia ou cinematografia, medida, controle ou de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios.	518,58	2,96
Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos, e suas obras; bijuterias; moedas.	411,44	2,35
Obras de ferro fundido, ferro ou aço.	396,08	2,26
Plásticos e suas obras.	380,35	2,17
Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos.	217,79	1,24
Produtos químicos orgânicos.	199,66	1,14
Demais Produtos.	1.656,51	9,44
Total geral	17.543,93	100

Fonte: elaboração própria a partir de dados do MDIC, 2011.

A partir desses dados pode-se averiguar a existência de grande concentração das importações amazônicas em poucos produtos. Apenas os 3 maiores, juntos, respondem por três quartos do total de importações. Vale lembrar que as importações de cada um desses produtos associa-se, em especial, a um estado, em função de sua atividade produtiva.

Do total de importações da região, 63,02% foram originárias do Amazonas (Gráfico 4). Devido à produção industrial da Zona Franca de Manaus, este estado é fortemente dependente das importações de máquinas, aparelhos, materiais elétricos e suas partes, tanto para incremento e substituição de bens de capital para o próprio processo produtivo, como para a utilização destes como componentes de produtos que atenderão o mercado nacional (em expansão). Compõem esse grupo os mais diversos bens, desde robôs industriais e partes de motores para aviação, até simples válvulas e rolamentos. Dentre estes devemos destacar, apenas, a importação de partes para aparelhos receptores de radiodifusão e televisão, que em 2010, totalizaram US\$ 2,6 bilhões.

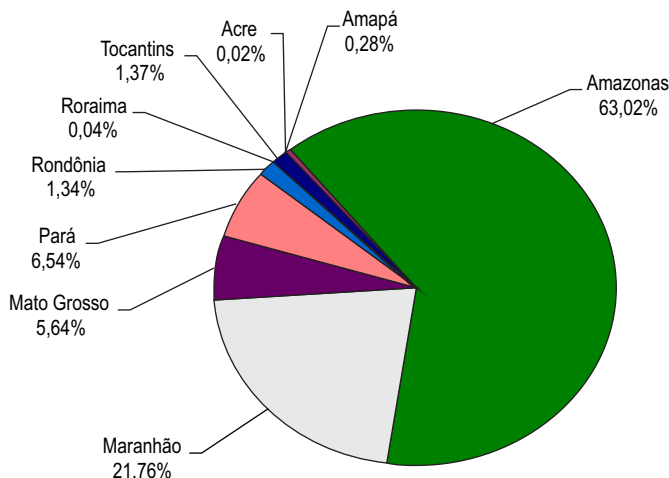


Gráfico 4 – Participação dos estados da Amazônia Legal nas importações da Região, 2010.

Fonte: Brasil. MDIC, 2011.

Esses se configuram como sendo os principais produtos de importação da Amazônia, respondendo por 48% do total importado em 2010, um montante de US\$ 8,4

bilhões. Deste valor, US\$ 7,9 bilhões, ou, de outro modo, 94%, foram demandas do estado do Amazonas.

A maior parte dessas aquisições provêm da Ásia. São US\$ 3,2 bilhões importados da China, US\$ 1,6 bilhão da Coreia do Sul, US\$ 745 milhões do Japão, US\$ 563 milhões de Taiwan e US\$ 292 milhões da Tailândia, consistindo esses, os cinco maiores vendedores deste produto ao Amazonas, nessa ordem. Em seguida, surgem Estados Unidos e Alemanha, com US\$ 258 milhões e US\$ 106 milhões, respectivamente.

O segundo maior estado importador é o Maranhão, com 22% do total regional. Suas compras se concentram, essencialmente, em combustíveis minerais, como diesel e querosenes de aviação. As importações do Maranhão, em 2010, foram da ordem de US\$ 3,8 bilhões, sendo 85,5% (US\$ 3,3 bilhões) desse valor referente aos combustíveis minerais.

As compras de diesel chegaram ao valor de US\$ 2,5 bilhões e as de querosenes para aviação US\$ 461 milhões, 65% e 12% do total importado pelo estado. Tal comércio ocorre em virtude do Maranhão ser entreposto de derivados de petróleo, distribuindo milhões de toneladas de combustíveis para o norte e nordeste do Brasil.

O óleo diesel é o segundo produto mais importado pela Amazônia, correspondendo a 15,9% da pauta de importação da região. Apesar disso, somente Maranhão (89%) e Amazonas (11%) adquirem tal produto no exterior. Tais produtos vêm, principalmente, dos Estados Unidos e da Índia.

Por fim, formam o terceiro grupo de produtos mais importados pela Amazônia os adubos e fertilizantes, demandados, especialmente, para manutenção das lavouras mato-grossenses. Em 2010, foram US\$ 970 milhões em importações desses produtos, na região, o que representou 5,53% do total da pauta de importações. Como dito, devido à dinâmica produção agrícola do Mato Grosso, boa parte dessas importações se direciona para aquele estado, o qual responde por 78% delas. Nos últimos dez anos as importações de adubos e fertilizantes pelo Mato Grosso têm crescido substancialmente. O valor que, em 2000, era de apenas US\$ 46 milhões, atingiu, em 2010, US\$ 761 milhões, um aumento de mais de 16 vezes, ou, noutros termos, acréscimos anuais médios de 31%.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se observar que as exportações amazônicas têm apresentado aumento expressivo nos últimos anos, com taxas médias de crescimento maiores que as nacionais, o que tem levado à maior participação desta região em relação às demais.

Contudo foi constatado que a pauta de exportações amazônicas, a exemplo de sua condição histórica, permanece concentrada em produtos de baixo valor agregado.

Averiguou-se que os principais produtos de exportação amazônicos são minérios, soja e alumina calcinada que, juntos, representam 59,46% do total exportado pela região. Cada um desses, por sua vez, se relaciona mais fortemente com determinado estado. O primeiro concentra-se no Pará, o segundo em Mato Grosso e o terceiro no Maranhão. Não por acaso, esses três estados, juntos, apreendem 91% de toda

exportação da região (48%, Pará; 32%, Mato Grosso e 11% Maranhão). Tais estados apresentaram os maiores aumentos do valor exportado, em termos absolutos. Entretanto, Tocantins (53,91%) e Amapá (32,24%) foram os estados que mais cresceram relativamente. Foi visto também, que produtos do agronegócio como cereais, carne e animais vivos, apresentaram extraordinário aumento de suas exportações, entre 2000 e 2010.

O importante a se ter em mente é que, a despeito dos bons resultados da balança comercial, e das chamativas taxas de crescimento das exportações, o fato dos produtos amazônicos exportados possuírem baixa agregação merece atenção, especialmente quando da condução de políticas públicas, haja vista que uma melhora dessa condição representaria uma valorização da hora trabalhada com reflexos na renda e qualidade de vida dos amazônidas.

Pelo lado das importações, foi verificado que estas são essencialmente ligadas ao processo produtivo local, seja pelo suprimento de bens de capital, intermediários ou de insumos, e que, assim como as exportações, seus montantes têm se elevado consideravelmente (embora em ritmo menos acelerado), fato atribuído, principalmente, à maior demanda por bens intermediários para atender a produção regional. Ademais, estímulos a uma pauta de exportações mais diversificada proporcionaria à região um padrão de crescimento mais estável, que não ficasse a mercê do

desempenho econômico de alguns países ou dos preços das commodities.

Viu-se, também, que as importações amazônicas são altamente concentradas no estado do Amazonas (63,02%), tendo em vista a alta demanda de máquinas, aparelhos e componentes, necessários à produção no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus. Seguem a este estado, o Maranhão (21,76%) e o Pará (6,54%). Os produtos mais adquiridos são: máquinas, aparelhos, materiais elétricos e suas partes; combustíveis minerais e adubos e fertilizantes.

Por fim, foi entendido que, dadas as condições expostas, a condução da política de desenvolvimento econômico regional deve passar pelo estímulo a produção de bens que tenham em seu processo produtivo uma maior agregação de valor, como também, por políticas que busquem um maior grau de nacionalização dos componentes empregados na produção advinda da Zona Franca de Manaus. Ao mesmo tempo, deve-se valer, de modo sustentável, das vantagens advindas do abundante capital natural amazônico, reconhecidamente o grande diferencial da região. Para tanto, faz-se imprescindível o emprego de mecanismos de crédito que apóiem tais setores (conjugados a políticas fiscais), sendo para isso de essencial relevância a atuação do Banco da Amazônia, enquanto principal agente indutor do desenvolvimento regional.

## NOTAS:

- 1 Para efeitos do trabalho os valores referentes à Amazônia contabilizam todos os municípios dos estados do Maranhão e Mato Grosso.
- 2 Para efeito de classificação de mercadorias adotou-se a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Segundo esta, por exemplo, a soja é classificada no capítulo 12 (sementes e frutos oleaginosos) e milho no capítulo 10 (cereais). Para conhecer detalhes da NCM ver o site <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>.
- 3 Para o cálculo das taxas médias de crescimento anual foi adotado o método geométrico.
- 4 Refere-se ao capítulo 26 da NCM, o qual não contém ferro fundido bruto (gusa), contido no capítulo 72.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNE.

**Abiec aposta em ampliação de mercados para a carne bovina em 2011.** Disponível em: <<http://www.abiec.com.br>>. Acesso em mar. 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

**Sistema Aliceweb.** Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: fev. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO. **Novo cenário afeta preço de minério de ferro.** Disponível em: <http://www.ibram.org.br>. Acesso em abr. 2011.

REBELLO, F. K. Amazônia Ideal ainda está distante. **O Liberal**, Belém, p. 57, 15 nov. 2006. Especial.



### Elaboração do Texto

Patrício Alves Costa  
GEREO/CEMAR  
Maria Lúcia Bahia Lopes  
GEREO/CEMAR  
Possídio Ferreira Camilo  
GEREO/CEMAR

### Comissão de Publicação Coordenadores

Luiz Lourenço de Souza Neto  
Fernanda Gene Nunes Barros  
Roberto Batista Schwartz Martins de Paula

### Editores Técnicos

Maria Lúcia Bahia Lopes  
Fabrício Khoury Rebello  
Oderle Milhomem Araújo

### Editoração

Paulo do Carmo Pereira